



Conversa

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

“O PPG-AU/FAUFBA se destaca por sua capacidade de se reinventar”

Conversa com:

Nivaldo Vieira de Andrade Junior

Coordenador do PPG-AU/FAUFBA (2020-2022)
Universidade Federal da Bahia

O encontro entre os Cadernos PPG-AU/FAUFBA e Nivaldo Vieira de Andrade Junior foi telepresencial, realizado em 22 de agosto de 2024. A transcrição de sua gravação foi realizada por um aplicativo de inteligência artificial e revisada por outro aplicativo de IA, pelo editor Leo Name e pelo próprio Andrade Junior.

Na conversa, ele descreveu sua relação de confiança, ainda durante a graduação, com Odete Dourado, fundamental para se interessar pela teoria da restauração, e com Esterzilda Berenstein, sua orientadora de pós-graduação. No mestrado, iniciado em 2003, produziu uma dissertação que discute intervenções contemporâneas no patrimônio arquitetônico, uma referência em universidades brasileiras. Em 2009, passou no concurso para professor da FAUFBA, um ano após iniciar o doutorado, concluído em 2012, para o qual pesquisou a arquitetura moderna da Bahia. Nessa época, ele nos disse, Foucault, Topalov, Jeudy, Deleuze, Guattari e Derrida faziam parte da literatura de base do programa, e docentes como Paulo Ormino, Ana Fernandes, Pasqualino Magnavita, Heliodório Sampaio, Paola Jacques e Angela Gordilho exerceram grande impacto.

Como Coordenador do PPG-AU/FAUFBA, entre 2020 e 2022, precisou lidar com as dificuldades causadas tanto pelo governo Bolsonaro quanto pela pandemia de COVID-19. As universidades federais sofreram cortes de bolsas e recursos, afetando diretamente a pesquisa, sendo necessário buscar mais bolsas e redistribuí-las, através de editais, priorizando estudantes em situação de vulnerabilidade. As atividades foram adaptadas ao formato online, o que trouxe algumas vantagens, como a participação de discentes e docentes de outros lugares, inclusive do exterior, nas disciplinas. No entanto, o impacto negativo da pandemia, segundo ele, ainda é sentido, com questões de saúde mental e dificuldades no retorno à ocupação física da FAUFBA. Por outro lado, foi durante sua gestão que o PPG-AU conquistou dois pavimentos no novo edifício anexo do Campus Federação, melhorando significativamente suas instalações, e que um acordo para um mestrado interinstitucional na Bolívia veio a ser celebrado.

O pesquisador destacou a força do PPG-AU/FAUFBA na área de Conservação e Restauro: se antes as referências eram Mendonça, Ormino e Dourado, atualmente nomes como Márcia Sant'Anna, que integra patrimônio material e imaterial, e Fábio Velame, com pesquisas sobre patrimônio afro-brasileiro, são destaques nacionais. No que tange ao Urbanismo, debates liderados por Gordilho, Jacques e Fernandes também consolidam o programa como uma referência no país. Por fim, a precursora implementação de políticas de cotas na da pós-graduação da FAUFBA tem se refletido na pluralidade e na qualidade das pesquisas, mostrando uma capacidade de reinvenção que abrange diversas frentes, debates amplos e temas inovadores.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Vamos começar falando um pouco sobre a sua formação e a sua trajetória acadêmica. Você pode nos falar um pouco do seu percurso de graduação, mestrado e doutorado na FAUFBA?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Bem, eu sou graduado, mestre e doutor pela Faculdade de Arquitetura da UFBA. Fiz a graduação entre 1995 e 2002. Durante esse período, me interessei pelo tema do patrimônio. Fui bolsista de iniciação científica da professora Odete Dourado por cinco dos sete anos de graduação. Como bolsista da professora Odete, acompanhei algumas vezes a disciplina de teoria dela. Assisti às aulas e participei dos debates em duas ocasiões, o que me deu um bom conhecimento da bibliografia e do debate sobre teoria da restauração. Então, minha relação com o PPG-AU, que na época era o MAU, vem desde a graduação.

Foi muito por influência dela que me interessei por teoria da restauração, área em que ela trabalhava e na qual eu atuava como pesquisador. Odete estava traduzindo textos teóricos principais, que, na época, seriam publicados em uma coleção. Eram traduções de autores como Eugène Viollet-le-Duc, John Ruskin. Ela estava traduzindo [Camillo] Boito e [Cesare] Brandi, sendo que o do Boito chegou a ser publicado, mas o do Brandi não. Foi uma experiência muito interessante e me interessei ainda mais pela área.

Deu, como chamávamos Odete, estudou na Itália, o que me influenciou a fazer um intercâmbio. Era o início dos programas de intercâmbio na graduação, e eu queria ir para a Itália. A única universidade com convênio era a Universidade de Pavia, que tinha acabado de criar um curso, não de arquitetura, mas de engenharia da construção, devido à Convenção de Bolonha, que padronizou os currículos na União Europeia. Esse curso era mais técnico, o que contrastava com a tradição mais artística da arquitetura. Fiz o intercâmbio em 2000, já no final da graduação. Apesar de já ter concluído todas as disciplinas e estar pronto para me formar em seis meses, foi um período decisivo para minha formação, estabelecendo uma relação duradoura com a Itália, tanto acadêmica quanto culturalmente. Quando voltei, estagiei no escritório MK Arquitetos, herdeiro do escritório fundado por Yoshiakira Katsuki, um arquiteto japonês que atuou aqui nos anos 70, 80 e 90. Trabalhei muitos anos com os sócios dele, Hisanori Muritaka, Jorge Maldonado e Aurélio Miranda, além do professor [Alberto Rafael] Chango Cordiviola, que também foi professor na Faculdade de Arquitetura da UFBA.

Esse estágio acabou atrasando ainda mais minha graduação, porque eu trabalhava o tempo todo e me envolvia pouco com a faculdade. Demorei bastante para concluir o Trabalho Final de Graduação. No entanto, quando me formei, em agosto de 2002, de-

cidi fazer o mestrado imediatamente. Comecei o mestrado no início de 2003, sob a orientação da professora Esterzilda Berenstein, que conheci no final da graduação, quando ela fez parte da minha banca de TFG. Com ela, estabeleci uma relação de muita parceria, confiança e amizade, sendo quase como uma segunda mãe para mim, além de uma mentora que admiro bastante. Esterzilda era muito gregária e organizava uma série de workshops com estudantes da UFBA e de vários países, tanto daqui quanto de fora. Quando iniciei o mestrado, também comecei a dar aulas como professor substituto de projeto, junto com Esterzilda, Maurício Chagas e [José Fernando] Minho.

Em 2009, passei no concurso para professor efetivo, já tendo concluído o mestrado, que foi realizado entre 2003 e 2006. O tema da minha dissertação foi *Metamorfose Arquitetônica: intervenções projetuais contemporâneas sobre o patrimônio edificado* (2006). Nela, discuto como os arquitetos podem intervir criativamente e, ao mesmo tempo, de forma respeitosa, no patrimônio arquitetônico. Esse trabalho nunca foi publicado, além de alguns artigos derivados, estou finalizando para publicação pela Edufba... Mas teve certa repercussão. Ele é adotado como referência em disciplinas de projeto de intervenção no patrimônio em algumas universidades no Brasil, como no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em Pernambuco. Eu continuo pesquisando esse tema, embora ele tenha deixado de ser meu foco principal.

Quando terminei o mestrado, quis fazer algo completamente diferente: pesquisar arquitetura moderna na Bahia! Em 2008, entrei no doutorado, que concluí em maio de 2012 (ANDRADE JUNIOR, 2012). O Docomomo, no Brasil, surgiu na UFBA, no PPG-AU. O Docomomo Mundial foi fundado em 1988 e o Docomomo Brasil em 1994 ou 1995, quando entrei na graduação. Participei, como estudante, dos dois primeiros seminários do Docomomo, ainda calouro e sem muito conhecimento. Fui à Escola Parque e ao Teatro Castro Alves, que eu já conhecia como sala de espetáculos, mas agora com um olhar de arquiteto. A Escola Parque, inclusive, seria um dos objetos da minha tese de doutorado. Foi ali que tive meu primeiro contato com a arquitetura moderna e com especialistas como Hugo Segawa, Ceça Guimarães e Carlos Comas. A criação do Docomomo Brasil foi liderada por Ana Beatriz Galvão, com apoio de Marco Aurélio Gomes e Naia Alban, além de outros pesquisadores, como Olívia de Oliveira e Angela West Pedrão. Decidi, então, que iria pesquisar arquitetura moderna na Bahia, com Esterzilda novamente como minha orientadora, mais por afinidade intelectual e parceria do que por ela ser especialista no tema. Outros professores tinham conhecimento mais específico, mas eu tinha uma relação de muita confiança com ela. Ela confiava e apostava em

mim, conhecia minhas potencialidades e fragilidades, e eu reconhecia seu papel como mentora.

Comecei pesquisando arquitetura moderna em sentido amplo, até que descobri um período curto, o governo de Otávio Mangabeira, de 1947 a 1951, na redemocratização do Brasil pós-Estado Novo. A Bahia vivia uma euforia que se refletiu na arquitetura. Mangabeira foi eleito pela UDN com apoio do Partido Comunista, uma aliança democrática ampla contra o grupo de Vargas. Anísio Teixeira foi secretário de Educação e Saúde, e havia personagens participando desse processo que me interessavam, além da arquitetura. Percebi que havia uma produção arquitetônica excepcional nesse período, que pode ser sintetizada em projetos como as Escolas Parques, o primeiro projeto do Teatro Castro Alves, o Hotel da Bahia, o Hotel Paulo Afonso, a Fonte Nova, a Avenida Contorno e outras intervenções menos conhecidas, como a Penitenciária Lemos de Brito e o Mercado do Peixe do Porto da Barra. Algumas dessas obras eram quase desconhecidas pela historiografia. Havia algumas publicações que citavam, mas sem dar a devida importância, como à Escola Parque, e isso me incomodava profundamente.

Eu queria resgatar esse movimento da arquitetura, o papel de Otávio Mangabeira, de Anísio Teixeira e do Estado como promotor de arquitetura de qualidade, e o papel de Diógenes Rebouças. Em 2014, no centenário de Diógenes, fiz uma exposição que resultou no primeiro livro dedicado à sua obra (ANDRADE JUNIOR; SAMPAIO; CALMON; OTREMBA, 2017), que é o catálogo da exposição. Trabalhei com um grupo de mais de quarenta estudantes da faculdade e alguns professores. A exposição, depois, foi para Recife. Eu estava muito focado nisso, mas essa fase se encerrou um pouco com a defesa da tese, em 2012. Enjoei do assunto, até certo ponto. Continuo publicando algumas coisas e fazendo pesquisas sobre temas afins, mas preciso de outros interesses. Diferente de [Rodrigo] Baeta, que pesquisa o barroco sempre, eu gosto de variar um pouco. Embora eu pesquise hoje a geração seguinte do ponto de vista da arquitetura moderna na Bahia — o que chamo de Geração 50, que são os primeiros arquitetos formados no nosso curso, inicialmente pela Escola de Belas Artes, até 1959, e depois pela Faculdade de Arquitetura da UFBA, a partir de 1959 —, estou falando de Assis Reis, Gilbertbert Chaves, Alvarez & Pontual, Berbert & Peixoto, Arilda Cardoso, entre outros, —, meu foco maior, hoje, é uma terceira pesquisa, que não tem a ver com as duas anteriores, a não ser pontualmente, que é sobre a constituição do campo da restauração arquitetônica na América Latina, nos anos 60 e 70.

Entendo que é um momento em que deixamos de ter arquitetos generalistas, como Diógenes, Lúcio Costa e Sylvio de Vasconcellos, para citar alguns brasileiros, mas a

mesma situação se aplica ao Peru, México, Colômbia e outros. A partir dos anos 60, surgem arquitetos com formação específica no campo da restauração, inicialmente no exterior, porque não havia cursos aqui. No México, surgem os primeiros cursos, depois, nos anos 70, no Brasil, o CECRE,¹ na FAUFBA. Esses novos arquitetos são especialistas, conhecem a teoria e não simplesmente repetem o que se fazia antes, como a restauração ou reconstrução estilística. Surge então um subcampo dentro da arquitetura, com sua própria bibliografia, seus conceitos, debates, atores e projetos. Isso ainda não foi estudado de forma aprofundada. Estudamos isso na pós-graduação, no CECRE, mas ainda ensinamos a teoria da restauração a partir de autores europeus. Havia algumas publicações que citavam, mas citavam sem dar a devida importância.

Eu comecei essa pesquisa querendo entender se havia teóricos na América Latina, já que existem alguns textos que discutem conceitos interessantes e a pertinência dessas teorias europeias ao contexto latino-americano. Estou falando de Marina Weissmann, que tem alguns textos publicados na Argentina e em outros países nos anos 70 e 80. Estou falando de Carlos Chanfón Olmos, que foi professor da Universidade Nacional do México e da Escola de Churubusco, no México. Ele era mexicano, mas tinha formação na Alemanha e também tensionava algumas questões. Aqui no Brasil, temos Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, historiador, arqueólogo e museólogo, professor da USP, ex-diretor do CONDEPHAAT [Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo] e ex-conselheiro do IPHAN. Na minha opinião, ele é o maior intelectual dessa área no Brasil. Estou falando de textos que discutem temas que me parecem pertinentes e que ninguém dá a menor importância, como a questão social na preservação do patrimônio num contexto de pobreza extrema e grande desigualdade social. A dimensão social do patrimônio não pode ser desvalorizada. Por exemplo, Brandi, que diz que, mesmo que algumas obras de arte possuam uma função, como é o caso da arquitetura, isso não é relevante na restauração. Para mim isso é uma grande questão é uma afirmação bastante questionável, principalmente num contexto de desigualdade social como o nosso.

Eu também comecei a entender que existiam redes na própria América Latina, que foram criadas entre os diversos países da região, a partir dos cursos realizados na Itália,

¹ Nota dos Editores (N.E.) — O Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Histórico foi criado na década de 1970 por convênios entre a Secretaria de Cultura do MEC e universidades brasileiras. Em sua quarta edição, realizada em Salvador (1981-1982), o curso ganhou projeção internacional, com a participação de alunos e consultores estrangeiros. As edições anteriores ocorreram em São Paulo (1974), Recife (1976) e Belo Horizonte (1978), e, após o sucesso da edição baiana, o curso foi fixado na Universidade Federal da Bahia, vinculado à Faculdade de Arquitetura e ao Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia (CEAB). Em 2010, foi transformado no Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE).

principalmente, mas também na França e na Espanha. Meu último pós-doutorado no ICCROM e na Sapienza de Roma, no ano passado, foi justamente para mapear os 90 e poucos arquitetos e arquitetas — há muitas arquitetas! — da América Latina que, nas décadas de 60 e 70, estudaram lá em Roma, seja no ICCROM, na Sapienza ou em ambos. É o caso de Paulo Ormino, aqui no Brasil; Cyro Lira, do IPHAN; e Olínio Gomes Pascoal Coelho, professor da UFRJ, que faleceu recentemente. Eles estudaram nesse período lá e trouxeram esse conhecimento, aplicando, ou não, em alguns casos, nas suas práticas restaurativas e também no ensino, na constituição dos primeiros cursos de pós-graduação no Brasil.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você foi estudante do PPG-A/FAUFBA, emendando mestrado e doutorado, entre os anos de 2003 e 2012. Você mencionou muito a professora Odete Dourado, que te influenciou desde a graduação... Mas pensando nesse PPG-AU de 20 anos atrás, além dela, quais outros docentes foram importantes na construção da sua trajetória?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Uau! Vários professores e professoras foram fundamentais na minha formação. Odete foi importante ainda na graduação, mas ao entrar na pós-graduação, Paulo Ormino teve um grande impacto sobre mim. Eu praticamente não o conhecia, apenas tinha ouvido falar dele, mas nos tornamos amigos e tenho grande admiração por ele. Acho que ele consegue articular projeto, planejamento urbano e preservação do patrimônio de uma forma que poucos pesquisadores conseguem no Brasil. Eu diria que só Márcia Sant'Anna e eu, muito modestamente, tentamos seguir essa trilha, mas ainda preciso me esforçar muito. Ana Fernandes, sem dúvida, é uma liderança intelectual. Qualquer evento em que eu participasse, se eu dissesse que era da FAUFBA, logo me perguntavam: "Você é orientando de Ana ou de Marco?" O PPG-AU era sinônimo de Ana e Marco, que foram muito importantes nesse período, eram professores muito ativos.

Outros nomes, como Pasqualino [Magnavita] e Heliodoro [Sampaio], também foram essenciais. Paola [Berenstein Jacques] tinha acabado de chegar a Salvador na época em que fiz o mestrado, então fui aluno das primeiras disciplinas que ela ofereceu. Não quero esquecer ninguém: também tem o Mário Mendonça e muitos outros professores foram importantes na minha formação. Não posso deixar de mencionar Angela [Gordilho], que também é uma liderança. Ela foi coordenadora quando eu fazia o mestrado, e eu, como representante estudantil, participava das reuniões de colegiado coordenadas por ela.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: E você lembra quais eram os temas e autores mais discutidos naquela época, há 20 anos?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Ah, sem dúvida. Por exemplo, não se podia discutir nada sem mencionar Foucault na maior parte das disciplinas. Pasqualino trazia toda uma carga do pós-estruturalismo, com Deleuze, Guattari e Derrida. A gente leu todos esses autores. Ana Fernandes falava muito de Topalov na disciplina dela. Paola mencionava muito Henri-Pierre Jeudy, que eu nunca tinha ouvido falar antes, mas passei a ler a partir daí. Paulo Ormino tinha uma bibliografia que ia desde o que ele estudou em Roma, nos anos 60, até autores mais recentes que discutiam seu tema. Sua disciplina, que eu ministro há alguns anos, e agora se chama Sítios Históricos Urbanos, tinha uma bibliografia abrangente cronologicamente, com textos mais antigos e outros mais recentes. O trabalho de Ofília Arantes era onipresente em várias disciplinas. Os dois livros dela, o “da capa branca” e o da “capa azul”², eram obrigatórios em várias disciplinas. Nas disciplinas mais ligadas ao urbanismo, os textos de [Carlos] Vainer, Raquel Rolnik e Ermínia Maricato eram muito importantes. Ainda se discutia, por exemplo, a tipomorfologia dos anos 60 e 70, de Philippe Panerai, que, embora não fossem autor e debate recentes, ainda estavam presentes no início dos anos 2000.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Uma pergunta difícil, Nivaldo...

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Podem mandar!

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Quando você estudou na graduação, nos anos 90, e na pós-graduação, nos anos 2000, era uma época em que o debate sobre cultura estava em todo lugar, e o patrimônio ganhava projeção também por causa disso. Você concordaria que houve uma redução de tal debate sobre cultura e o surgimento de novas temáticas e, por isso, também houve uma redução do debate sobre patrimônio, na pós-graduação como um todo? E o quanto isso pode ser ruim para o campo, e especialmente em uma cidade como Salvador, que possui um vasto conjunto histórico tombado?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior No período em que eu era estudante de pós-graduação, Mário Mendonça, Paulo Ormino e Odete Dourado eram grandes referências no debate sobre patrimônio no Brasil. Deixaram sua marca na formação de várias gerações de profissionais do Brasil inteiro. Há professores em todo o Brasil que foram alunos

² Nota dos Editores (N.E.) — Muito provavelmente Nivaldo Andrade Junior está se referindo, respectivamente, a *O lugar da arquitetura depois dos modernos* e *Urbanismo em fim de linha* (ARANTES, 1998)

de Odete, ou que desenvolveram uma visão ampla do patrimônio em relação à cidade porque foram alunos de Paulo, ou que criaram laboratórios inspirados no NTPR de Mário Mendonça,³ como é o caso de Thaís Sanjad, professora e liderança da Universidade Federal do Pará. Paulo e Odete não estão mais no programa... Mas eu não concordo com essa afirmação por um motivo muito simples. O nosso programa de pós-graduação soube reinventar seu pensamento sobre patrimônio com a incorporação de novos professores, tornando-se uma referência nesses debates.

Vou citar alguns exemplos. Márcia Sant'Anna trouxe um debate sobre a relação entre patrimônio material e imaterial que é vanguarda no Brasil. Márcia é uma pessoa que admiro profundamente pela sua capacidade de transitar entre o debate do patrimônio nos campos da Antropologia e das Ciências Sociais, além de conhecer profundamente o tema do patrimônio arquitetônico e urbano, com formação completa em Arquitetura. Não conheço ninguém no IPHAN, nem fora do IPHAN, na universidade brasileira ou em outros países por onde circulo, que tenha essa capacidade de transitar entre esses campos. Isso se reflete nas pesquisas e na atividade dela como docente, pesquisadora e orientadora no PPG-AU. Fabio Velame, a partir do grupo de pesquisa EtniCidades, criou um campo de pesquisa sobre o patrimônio afro-brasileiro que se tornou referência. E, modéstia à parte, eu e Baeta também estabelecemos um debate sobre a relação entre arquitetura contemporânea e patrimônio, e o PPG-AU é referência nesse assunto. Pessoas de outros estados vêm para fazer pesquisas e serem orientadas sobre esse tema.

Concordo que, em certo sentido, um debate mais amplo que existia e ainda existe no campo da cultura enfrenta dificuldades para entrar no PPG-AU, mas soubemos continuar sendo referência e nos atualizando com pesquisas, tanto realizadas pelos professores quanto por mestrandos e doutorandos, que se tornam referência. A dissertação de mestrado de Denis Matos (2017), premiada no ENANPARQ e publicada pela Edufba (MATOS, 2019), é uma enorme contribuição ao debate sobre o patrimônio dos terreiros de candomblé no Brasil. Hoje, não se discute a preservação do patrimônio afro-brasileiro no Brasil sem se chamar os pesquisadores do PPG-AU.

³ N.E. — Liderado pelo professor Mário Mendonça de Oliveira, o Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração (NTPR) é o único laboratório brasileiro, e possivelmente sul-americano, dedicado a estudos científicos em Conservação e Restauração de Monumentos Históricos. Pesquisa a durabilidade e a preservação de materiais arquitetônicos, oferecendo consultoria e análise de materiais antigos em diversos estados do Brasil e em alguns países da América do Sul. Mantém colaboração técnica com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e parcerias com laboratórios da Escola Politécnica e dos institutos de Geociências, Química, Física e Biologia da UFBA. Também coopera com instituições como o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), em Portugal, o Rathgen Institut, em Berlim, e o Centro Gino Bozza do Politécnico de Milão.

Há, inclusive, um debate no Colegiado do programa para mudar o nome da Área de Concentração para "Patrimônio, Arquitetura, Conservação e Restauro", porque nossas pesquisas vão muito além de "Conservação e Restauro", e as de Márcia Sant'Anna demonstram isso, por exemplo. Acredito que conseguimos, no campo de Conservação e Restauro, manter nossa posição de vanguarda, ou pelo menos uma importância significativa no debate em âmbito nacional. Há uma diminuição clara do número de interessados na área de Conservação e Restauro em comparação com a área de Urbanismo, mas atribuo isso a muitos outros motivos.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Além dessa reinvenção do debate sobre patrimônio no PPG-AU/FAUFBA, com o que muitos provavelmente concordam, o que você acha que o programa oferece de diferente em comparação com outros, hoje?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Corro o risco de parecer cabotino, mas não tenho dúvidas de que o PPG-AU/FAUFBA se destaca por sua capacidade de se reinventar. Eu mencionei apenas os debates na área da Conservação, do Restauro e do Patrimônio, mas na área do Urbanismo, que conheço menos, embora também atue, existem debates que são referência nacional. Toda a discussão sobre ciência e técnica, conduzida por Angela Gordilho, resultou na criação da Residência AU + E, que depois originou núcleações em Pelotas, Brasília e João Pessoa, entre outros lugares.⁴ Isso mostra que somos um centro de referência no debate de Arquitetura e Urbanismo, no Brasil. Em nível de pós-graduação, o PPG-AU continua sendo central, e isso é evidente nos trabalhos de Paola Jacques e Ana Fernandes, bem como nas redes que essas professoras têm estabelecido. Ana Fernandes, por exemplo, tem uma rede de pesquisadores que, inicialmente, pesquisavam a história da cidade no século XIX e XX, depois passaram a pesquisar a modernidade, e agora estão focados na reforma urbana. Estou falando de Ana Fernandes na UFBA, Virgínia Pontual na Universidade Federal do Paraná, Maria Cristina Leme na USP, entre outras, formando uma rede que já contribui há 30 ou 40 anos para o crescimento e a complexificação do campo do conhecimento sobre história urbana. Acredito que continuamos sendo relevantes justamente por isso. Continuamos orientando pesquisas que ganham prêmios, são publicadas e citadas, além de continuar atraindo estudantes do Brasil inteiro.

⁴ N.E. — A Residência Acadêmica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (RAU+E) da FAUFBA teve sua implantação como curso *lato sensu* a partir de 2011, buscando promover a inserção de profissionais em áreas periféricas, com foco no direito à moradia digna e tendo em conta as Leis Federais 10.257/2001 e 11.888/2008. A proposta surgiu das atividades do LabHabitar — grupo de pesquisa criado em 1993 no PPGAU/FAUFBA, coordenado pela professora Angela Gordilho — e visa a capacitar profissionais e apoiar movimentos sociais. Em 2013, iniciou-se a primeira edição, com 25 professores credenciados. O sucesso do programa tem conduzido a sua replicação nacional e a intercâmbios internacionais.

Como parte da UFBA, o PPG-AU também foi pioneiro na implementação de políticas de cotas e ações de reparação dentro da pós-graduação, e isso se reflete na qualidade e na diversidade das nossas pesquisas. O programa tem o mérito de ser plural, não se focando em apenas uma área. De modo diferente de alguns programas no Brasil, que têm um único foco, o nosso programa trabalha em várias frentes, inclusive no debate sobre arquitetura: era uma questão que me incomodava muito quando fiz meu doutorado, porque quase não existia no programa, limitando-se à história da arquitetura moderna ou à tecnologia aplicada à arquitetura, à restauração ou à tecnologia digital, como nos trabalhos do LCAD,⁵ que também são importantes e referências; mas hoje temos uma discussão mais ampla sobre arquitetura, com algumas dissertações e teses abordando temas relacionados ao projeto arquitetônico. Minha dissertação de mestrado (ANDRADE JUNIOR, 2006) é um exemplo disso, assim como algumas das que orientei, como a tese de doutorado de Federico Calabrese (2018), a primeira que orientei no programa. Portanto, acredito que continuamos sendo uma referência, empurrando o campo em direções ainda não exploradas.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você foi coordenador do programa entre 2020 e 2022 e, nessa posição, enfrentou a pandemia de COVID-19. Que medidas precisaram ser tomadas?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Eu gostaria de destacar que o problema não foi apenas a pandemia, mas também os anos do governo Bolsonaro, que tratou a universidade pública, especialmente as federais, como inimigas. Houve uma redução no número de bolsas e a extinção ou a fragilização das políticas de apoio à pesquisa e à pós-graduação, além da diminuição de recursos. Foi um período muito complicado.

Eu assumi a coordenação em agosto de 2020, logo no início da pandemia, e muitos estudantes de mestrado e doutorado dependiam de bolsas para se manter, porque viviam de trabalhos temporários, que foram interrompidos. A redução das bolsas agravou a situação, gerando muita angústia. O primeiro desafio foi a mudança no modo de distribuição das bolsas, que deixaram de ser distribuídas como cotas do programa e passaram a ser oferecidas por meio de editais. Organizamos um grupo, e a professora

⁵ N.E. Inicialmente chamado de Laboratório de Computação Gráfica Aplicada à Arquitetura e ao Desenho, o LCAD é um centro multidisciplinar de pesquisa em tecnologias para representação e intervenção no espaço arquitetônico e geográfico, envolvendo professores e alunos em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Criado em 1992 pelos professores Arivaldo Leão de Amorim e Gilberto Corso Pereira e localizado no subsolo do edifício da Faculdade de Arquitetura, ao longo da década de 90, o LCAD ofereceu cursos de especialização pioneiros, em geoprocessamento e projeto por assistência de computador, e, no bojo da criação do doutorado no PPG-AU/FAUFBA, estabeleceu a linha de pesquisa “Linguagem, Informação e Representação do Espaço”. Em 2014, foi renomeado para Laboratório de Estudos Avançados em Cidade, Arquitetura e Tecnologias Digitais.

Any [Brito Leal Ivo] teve um papel fundamental nesse processo, liderando no primeiro ano, com o professor Márcio Cotrim assumindo essa liderança num segundo momento. Elaboramos um edital, tentando distribuir o mais justamente possível, e um número máximo de bolsas possível. Isso foi crucial, porque começaram a surgir conflitos entre discentes e docentes por causa das bolsas. A situação era assustadora, com mães, viúvas ou solteiras, com filhos pequenos, fazendo doutorado, sem condições financeiras para se manterem. Estabelecemos uma política de bolsas que não existia claramente até então, discutida em inúmeras reuniões colegiadas, inclusive em reuniões ampliadas. Aprovamos uma política de bolsas que estabelecia prioridades, como a situação de vulnerabilidade econômica e o registro na Pró-reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil. Definimos critérios objetivos, priorizando quem vinha de outro estado, por exemplo, para garantir que as bolsas fossem destinadas a quem realmente necessitava. Mais que isso, conseguimos ampliar o número de bolsas através dos editais. Estabelecemos uma relação muito próxima com o Pró-reitor [de Ensino de Pós-Graduação], Sérgio [Luiz Costa Ferreira], a quem recorria sempre que surgiam novas bolsas disponíveis.

O segundo desafio foi a questão da sede do PPG-AU. Há 20 anos, o projeto de construção do novo edifício anexo se arrastava. Estávamos sem sede, porque o Módulo Iansã⁶ estava em estado calamitoso antes da COVID, e com o abandono durante a pandemia, a situação piorou bastante. A secretaria do programa estava funcionando no CEAB,⁷ uma situação muito complicada. Percebi que havia interesse da direção da Escola e de determinados setores em ficar com o Módulo Iansã para criar um laboratório de construção, o que também era uma iniciativa louvável. O então diretor [Sergio Ekerman] era um dos interessados nisso. Usei esse desejo alheio para fortalecer o pleito do PPG-AU de ampliar a área que ele tinha, que inicialmente seria 70% de um pavimento no prédio, para praticamente dois pavimentos do novo Anexo para o PPG-AU e seus grupos de pesquisa. Foi uma negociação difícil e lenta, mas saímos vitoriosos, e hoje temos instalações de alta qualidade, algo que a maior parte dos programas do Brasil não possui. Mesmo que tenha levado 20 anos para ser construído, conseguimos.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: E os efeitos da pandemia, hoje, ainda são perceptíveis?

⁶ N.E. Edifício onde originalmente era a sede do PPG-AU/FAUFBA, que abrigou salas de aulas e de estudantes e instalações de alguns núcleos e grupos de pesquisa. Em maio de 2023, iniciaram-se obras de recuperação do prédio.

⁷ N.E. O Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia (CEAB), fundado em 1963, está localizado a cerca de cem metros do campus da FAUFBA e é vinculado à Área de Concentração em Conservação e Restauro do PPG-AU/FAUFBA. Também sedia o Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE) há quase 40 anos. O CEAB dispõe de salas de aula, coordenação e um importante arquivo com uma mapoteca e fototeca contendo cerca de 500 plantas e 300 fotos de Salvador e do Recôncavo Baiano.

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Durante a pandemia, realizamos uma série de atividades online, como debates, cursos com professores estrangeiros, e adaptamos as disciplinas para o formato virtual. Por exemplo, a minha disciplina “Sítios Históricos Urbanos”, no segundo semestre de 2020, e a de “Projeto de Pré-existência”, no primeiro semestre de 2021, com Baeta, foram realizadas em formato online. Conseguimos trazer “as bibliografias relevantes” para nossa sala, para discutir com a gente. Em vez de falar apenas do Centro Histórico de São Paulo, trazíamos os gestores, os arquitetos e os sociólogos para apresentar o Centro Histórico de São Paulo. Houve palestrantes de 15 a 20 países, além de participantes de todo o Brasil. Por outro lado, hoje, ainda lidamos com muitos problemas de saúde mental que se apresentaram e se intensificaram, e não estamos dando a devida atenção a isso. Também percebo uma dificuldade em retornar à ocupação do espaço: a faculdade está muito mais esvaziada do que antes da pandemia. Ainda estamos aprendendo a viver nessa nova realidade, que não é a mesma de antes. Existem vantagens, como a possibilidade de reuniões online, mas também muitas desvantagens e questões que ainda não compreendemos totalmente e que precisarão de tempo para serem incorporadas e entendidas adequadamente.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Foi durante a sua coordenação que começaram os primeiros movimentos para desenhar o que veio a ser o Mestrado Interinstitucional (MINTER) com a Universidade Maior de San Simón (UMSS), em Cochabamba. Você pode falar um pouco sobre esse processo de negociação e implantação e as vantagens do PPG-AU ter esse intercâmbio de conhecimento?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Claro... Quando eu era presidente nacional do IAB, o Fabian Farfan, que depois se tornou diretor da Faculdade de Arquitetura e Ciências do Hábitat da Universidade Maior de San Simón, foi presidente da FAPA, a Federação Pan-Americana de Associações de Arquitetos, que reúne 33 associações das Américas. Quando me tornei coordenador do PPG-AU, ele propôs a realização de um mestrado e um doutorado interinstitucionais, que acabaram se tornando apenas um mestrado, devido ao número limitado de professores mestres na UMSS. Surgiu a ideia, então, desse MINTER, e enquanto coordenador, convidei a professora Naia Alban e o professor Márcio Cotrim para conduzirem o processo, com o meu apoio. A coordenação prática foi deles, com a professora Naia cuidando das relações dentro da UFBA e Márcio na relação com a Capes e os bolivianos. Infelizmente, enfrentamos problemas recentes devido a uma eleição para a direção da Faculdade de Arquitetura, na Bolívia. Mas, felizmente, o reitor da universidade assumiu o Minter, que está sendo retomado no mesmo formato e será finalizado com êxito. Acho que este é um grande avanço, sendo o primeiro Minter

internacional do nosso campo no Brasil. Já realizamos MINTERS e DINTERS com Pelotas,⁸ João Pessoa⁹ e Goiás,¹⁰ mas este é o primeiro internacional. Isso abre um campo imenso, porque outras universidades da América Latina já nos procuram para ações semelhantes. Estive em um evento no Rio de Janeiro recentemente, e o presidente do Colégio de Arquitetos da Bolívia, que estava lá, demonstrou interesse em organizar algo semelhante. Acho que há uma possibilidade real de futuros MINTERS na América Latina, o que traz uma troca de conhecimento muito enriquecedora para ambos os lados

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: É importante falar disso, sobre a especificidade da Bolívia, porque não estamos fazendo um convênio com o México, nem com a Argentina ou o Chile, que, digamos, são realidades mais conhecidas por pesquisadores brasileiros. A Bolívia é muito singular, com a presença marcante da cultura indígena na produção e na apropriação do espaço e do patrimônio, de um modo bem diferente do que vemos no Brasil, e muito menos do que lemos aqui sobre o urbano. Que efeitos você acha que isso pode trazer, no médio e longo prazos, para os próprios pesquisadores do PPG-AU?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior No início do MINTER, havia um interesse muito grande na questão dos povos originários, que é algo que o nosso programa também pesquisa, mas que ainda é pouco representativo frente às pesquisas sobre o patrimônio afro-brasileiro ou de origem europeia, por exemplo. Acho que isso pode fortalecer o interesse em grupos como o EtniCidades, já que seus pesquisadores têm esse foco no patrimônio dos povos originários. É um aprendizado rico, e o fato de a Bolívia ter escolhido o Brasil, mesmo sem falar a mesma língua — eles falam quéchua, aimará e espanhol —, ao invés de buscar outros países da América Latina que falam espanhol, como Peru, Chile, México ou Argentina, mostra a importância da pesquisa no campo da arquitetura e do patrimônio no Brasil. O PPG-AU é uma liderança nesse sentido. Temos muito a aprender, e novos campos de pesquisa podem surgir. Já existem pesquisadores do nosso programa desenvolvendo pesquisas e publicações em conjunto com pesquisadores da

⁸ N.E. — Muito precocemente, ao final dos anos 1990, o PPG-AU/FAUFBA começou a atuar como referência para a estruturação de novos cursos de pós-graduação, sendo um dos primeiros apoiados o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, entre 1999 e 2006, pelo PQI/Capes.

⁹ N.E. — O DINTER entre o PPG-AU/FAUFBA e a Universidade Federal da Paraíba foi aprovado em 2008 e iniciado em 2009, orientado à formação de doutores na UFPB. Contou com a colaboração do Mestrado de Engenharia Urbana e Ambiental e o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo dessa instituição e a colaboração dos programas de Engenharia Industrial da UFBA, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da UFPE (MDU) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Tecnologia (PPGAU/CT) da UFRN (PPG-AU).

¹⁰ N.E. — Em 2019, foi realizada a seleção de docentes para o Doutorado Interinstitucional (DINTER), firmado entre o PPG-AU/FAUFBA e a Universidade Federal de Goiás (UFG), em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade (PPG-PC/UFG). O objetivo era qualificar professores do quadro efetivo da UFG, especialmente aqueles vinculados aos cursos de Arquitetura e Urbanismo das unidades de Goiânia e Goiás.

UMSS. Por exemplo: Ana Fernandes e Martha Aréballo¹¹ estão trabalhando juntas, o que abre uma série de possibilidades de colaboração bem interessantes.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Pensando tanto no PPG-AU quanto em um cenário mais amplamente nacional, quais temáticas, conceitos e autores você julga que estão emergindo como novidade ou que devem ser considerados com atenção?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Acho que precisamos começar a ler autores que analisem a realidade brasileira a partir de um olhar menos eurocêntrico. Estou falando de leituras de autores como Milton Santos e Néstor García Canclini, que não são exatamente da arquitetura e do urbanismo, mas que trazem abordagens importantes sobre temas como memória e patrimônio urbano. Além disso, estou lendo autores que trazem um outro olhar sobre a civilização, como Ailton Krenak e Kabengele Munanga — do último, o livro *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil* (2019). Temos uma série de autores que precisamos ler para entender a realidade brasileira a partir de um outro ponto de vista, que não é o consolidado. São muitos autores, e eu não seria capaz de citar todos aqui, mas esses trazem um debate relevante para o nosso campo, ainda que de maneira indireta.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Para finalizar: outras dicas de leitura que você daria para um aluno de pós-graduação em arquitetura?

Nivaldo Vieira de Andrade Junior Eu costumo ler várias coisas ao mesmo tempo e, às vezes, paro e volto a ler. Atualmente, estou lendo *Du monument à la ville: Raymond M. Lemaire, expériences pionnières entre principes et pratiques*, de Claudine Houbart (2023), uma pesquisadora da Universidade de Liège. Lemaire é belga e foi um dos autores da Carta de Veneza, sendo uma das líderes nesse movimento. O livro analisa a atuação dele no campo do patrimônio. O outro livro que estou terminando de ler é *The fragile monument: on conservation and Modernity*, de Thordis Arrhenius (2012), um autor escandinavo, que trata da relação entre a arquitetura moderna e a conservação. É um texto bem interessante. Eu leio muitas coisas ao mesmo tempo, de várias áreas, e isso depende do que estou escrevendo ou pesquisando no momento.

¹¹ N.E. — Rosa Martha Aréballo Bustamente é a coordenadora do referido MINTER na instituição receptora, a UMSS.

Referências

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Metamorfose arquitetônica**: intervenções projetuais contemporâneas sobre o patrimônio edificado. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Arquitetura Moderna na Bahia, 1947-1951**: uma história a contrapelo. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; SAMPAIO, Gabriela Gusmão; CALMON, Pedro Alban; OTREMBA, Gabriela (org.). **Diógenes Rebouças**: cidade, arquitetura e patrimônio. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Edusp, 1995.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Urbanismo em fim de linha**: e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. São Paulo: Edusp, 1998.

ARRHENIUS, Thordis. **The fragile monument**: On Conservation and Modernity. Londo: Artifice Press, 2012.

CALABRESE, Federico. **Uma fronteira sutil**: entre projeto do novo e conservação do existente. Brasil e Itália no sec. XXI. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

HOUBART, Claudine. **Du monument à la ville**: Raymond M. Lemaire, expériences pionnières entre principes et pratiques. Liège : Presses Universitaires de Liège, 2023.

MATOS, Denis Alex Barboza de. **A Casa do "Velho"**: o significado da matéria no condomblé. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

MATOS, Denis Alex Barboza de. **A Casa do Velho**: o significado da matéria no condomblé. Salvador: Edufba, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. São Paulo: Autêntica, 2019.

Recebido em: 23/08/2024

Aceito em: 20/09/2024

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v13i0.64173

Como citar: ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. "O PPG-AU/FAUFBA se destaca por sua capacidade de se reinventar". **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 13, n. 1, p. 48-64, 2024.



NAPPE
NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL